

COMUNICAÇÃO
O CUIDADO COMO CARACTERÍSTICA DO SERVIÇO PASTORAL DA
MOBILIDADE HUMANA: APORTES A PARTIR DA ÉTICA DO CUIDADO
NO ÂMBITO DA ATUAÇÃO PASTORAL JUNTO A MIGRANTES E
REFUGIADOS

DOI: 10.57147/espacos.v30i2.879

Cirlene Sasso*

Introdução

O cuidado é uma característica inerente ao ser humano, pois continuamente estamos cuidando de algo ou de alguém, como também necessitamos ser cuidados e ajudados por outros. Isso se manifesta em todos os âmbitos onde nos encontramos. Boff em seu livro “Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra”, referindo-se a pensadores contemporâneos, diz que “a essência humana se encontra basicamente no cuidado, sendo este o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir” (1999, 1).

Atualmente, vivemos uma espécie de dualidade em relação a uma crise no que se refere à demanda por cuidado, pois, por um lado, percebemos inúmeros atos de desumanidade, sobretudo com os mais frágeis, vulneráveis e pobres, muitas vezes vistos como peças descartáveis e sem valor, e por outro lado, um cuidado excessivo e, não poucas vezes, egoísta consigo mesmo, além da preocupação exacerbada com o bem-estar pessoal e a aparência. As últimas décadas têm alcançado avanços surpreendentes em muitos e diferentes campos, no entanto, carecemos de um crescimento mais profundo de nossa humanidade, de nossa essência como seres humanos, que é o cuidado. Porém, contrastando essas duas miradas, também temos infinitos gestos de amor e cuidado mútuo entre pessoas, entre pessoas e instituições, entre instituições, igrejas, grupos, culturas, comunidades, famílias, etc.

Na Igreja, desde sempre, a proteção da vida e a atenção às pessoas que passam por situações de vulnerabilidade ou de necessidade, entendido como serviço da

* Missionária Scalabriniana, pós-graduada (especialista) em Teologia Pastoral e Mobilidade Humana pelo ITESP.

caridade, tem revestido traços do que hoje entendemos como ética do cuidado. No âmbito específico da mobilidade humana, o cuidado é uma categoria pouco usada, apesar de ser um contexto humano e sociocultural que abraça todo o arco da vida e todas as situações da condição humana.

O presente trabalho tem como objetivo aprofundar a reflexão sobre o tema do cuidado no âmbito do serviço pastoral junto a pessoas em situação de mobilidade humana. O desenvolvimento do tema busca responder a duas interrogações principais: Como a pastoral da mobilidade humana expressa seu protagonismo no cuidado com pessoas que atravessam situações de vulnerabilidade e em que modo a igreja pode fomentar que migrantes e refugiados também atuem reciprocamente em ações e atitudes de cuidado no âmbito da pastoral.

São muitos os desafios que a mobilidade humana encontra atualmente, como também são muitas as ações desenvolvidas pela pastoral migratória junto a outras pastorais, em favor dos migrantes e refugiados e, inúmeras as expressões de cuidado, especialmente na dedicação de mulheres que atuam pela fé e vocação missionária. O compromisso assumido por cada missionário, missionária e agentes da pastoral manifesta o cuidado e o amor por esta causa.

1. Cuidado como expressão do amor de Deus nas Escrituras

Os estudos bíblicos ressaltam cada vez mais figuras bíblicas que ajudam a mostrar traços da revelação, por vezes pouco conhecidas e reconhecidas, como é o caso da ternura e da proteção de Deus registrada nas Escrituras através de narrativas de cuidado. Para os fins deste texto, vamos aproximar o foco a três mulheres que ajudam a compreender, na Bíblia, registros do cuidado como expressão do amor de Deus e da vivência da vida boa dos filhos de Deus.

Quando lemos a Bíblia, percebemos que cada livro que a compõe está cheio de expressões e detalhes do amor de Deus para com seu povo, configurado como ações, gestos e palavras de cuidado, de maneira especial com os mais pobres e vulneráveis. É o que podemos observar com maior atenção no texto de Gn 16, 1-16 através de Agar; no

livro de Rute através da própria Rute e de sua sogra Noemi e no Novo Testamento, através de uma mulher da comunidade primitiva, chamada Priscila, também conhecida como Prisca.

1.1 Agar

No início do texto bíblico de Gênesis, capítulo 16, Agar aparece como a escrava egípcia, a serviço de Sara (Gn 16, 1), portanto migrante, e logo nos vv. 2-6, seu papel “passa de coadjuvante a antagonista”, como nos relata Dias (2014, 280), ou seja, diante da infertilidade de Sara, Agar é escolhida e dada a Abraão como sua mulher, a qual lhe dá um filho, que se chamará Ismael. Enquanto ela cuida da vida e da história de salvação de Abraão, atravessa situações de conflito e até de risco para sua própria vida; sinalizando assim, desde as primeiras páginas das escrituras, como pessoas em mobilidade e desafios do cuidado perpassam, não sem contradições, a história do povo de Deus, ontem e hoje.

Os papéis mudam novamente quando Agar, grávida, é oprimida por Sara e resolve fugir (Gn 16, 6), migrando outra vez, sozinha, grávida e sem saber para onde ir. No entanto, o maltrato recebido por parte de Sara e Abraão é transformado em cuidado de Deus para com Agar. Um anjo do Senhor a encontra no deserto (Gn 16, 7) e a chama pelo nome (Gn 16, 8). Agar é o ícone da vulnerabilidade e dos marginalizados porque concentra em poucos versículos, uma série de situações de risco e sofrimento. No texto bíblico não é dito que ela tenha pedido ajuda a Deus; porém, Deus vem ao seu encontro através do Anjo e a encontra ante um manancial, no deserto (Gn 16,7). O ato de sermos reconhecidos e chamados pelo nome é um ato de amor, dignidade e cuidado muito grande provindos de Deus, esse Deus que nunca deixa sozinhos seus filhos e filhas, ainda mais quando se encontram sós e em situação de vulnerabilidade.

Na sequência do texto (Gn 16, 10) vemos que “Deus abençoa Agar. Ela é a primeira mulher, estrangeira e refugiada, a receber uma promessa Divina. A promessa feita a Agar está nos moldes da promessa feita a Abraão” (DIAS, 2014, 288). Deus não somente cuida, mas promete multiplicar sua descendência.

Outra manifestação da atenção de Deus sobre Agar se encontra no v. 11, quando lemos “porquanto o SENHOR ouviu a tua aflição”. Deus ouve, cuida, promete, abençoa, acompanha esta mulher refugiada, sem destino, sem ninguém. Elizangela Dias descreve que “mesmo não participando da aliança de Deus com Abraão, Agar não está excluída da promessa divina. Cada mulher tem seu lugar na história, mas quem garante este lugar é Deus” (2014, 288). Esta promessa e cuidado veremos descritos também em Gn 21, 17-20, quando é Deus, novamente, que ouve a súplica de Agar, desta vez em favor do filho dela, dando a ela o que o filho mais precisava: água para matar a sede e proteção com promessa de vida bem sucedida para o futuro.

Os versículos de Gn 16, 13-14 manifestam uma vez mais o olhar bondoso e misericordioso de Deus para com Agar e ela, por sua vez, lhe dá um nome: “El Roi”. De acordo com Dias, o nome que Agar dá ao Senhor parte de sua própria experiência, que inclui a trajetória de migrante/refugiada e as contingências de dor e medo da situação concreta narrada pelo texto de Gn 16. Sua vivência no encontro com o Senhor consistiu em ser vista e ver, ser ouvida e ouvir, elementos que conhecemos normalmente, como sendo traços da experiência de amor de Deus por Abraão, e de sua grande fé. “Agar chama a Deus “El Roi” (Gn 16, 13), o Deus da visão, que a viu antes de que ela o visse; Aquele que mostrou a ela quando ela já não podia ver. Ele que a viu na profundidade de seu sofrimento e a resgatou do caminho de seu desespero” (DIAS, Apud SILVA, 2018, 18). Agar é a primeira pessoa na Bíblia que dá nome a Deus e é, depois de Eva, a mulher com quem Deus fala e faz uma promessa referindo-se a seus descendentes (Gn 3, 8; 16,13).

A história de Agar inspira, anima e encoraja os passos e também o acompanhamento a muitas mulheres, migrantes ou refugiadas, que nas trajetórias em mobilidade também enfrentam desafios superiores às suas forças e ao seu alcance, na luta para defender a vida com dignidade e proteger as pessoas que ama e cuida. O cuidado de Deus por ela é a medida incomensurável do amor que precede e providencia, abraçando com ações e palavras, sentimentos e preces, inspiração e fortaleza para homens e mulheres que acompanham trajetos e pausas nos projetos migratórios de ontem e de hoje.

1.2 Rute e Noemi

O cuidado como estratégia de atenção pelas pessoas em situação de necessidade, de serviço à vida e de proteção na hora da prova e da vulnerabilidade aparece no texto bíblico em modo particularmente eloquente na história de Rute e sua sogra Noemi. “A resistência, resiliência e esforços de duas mulheres – Noemi e Rute – conduzem à superação e sobrevivência em uma terra estranha, garantindo, dessa forma, a continuidade da vida” (ROSSI, 2022, 119).

Noemi é uma mulher idosa, viúva, já sem filhos pois seus dois filhos morreram em terra de emigração, encontra-se pobre, retornada em sua terra depois de anos vivendo emigrante e com pouco amparo, pois foi abandonada por uma das duas noras, únicas pessoas da família que ainda lhe restavam. A pessoa mais próxima com quem contar se chama Rute, que é nora, igualmente viúva, estrangeira, num contexto em que as lideranças religiosas dizem que o forasteiro é sinal de maldição e infidelidade em Israel. “E ela também é a protagonista, que sabe como superar suas vulnerabilidades e, aliada à nora, olham para cima e ousam. Muitas vezes as mulheres só podem contar com outras mulheres, mesmo frágeis, que juntas podem ser uma força transformadora para muitas” (LUSSI, 2018, 10).

O livro de Rute narra como Noemi exerce uma função de liderança e, assumindo uma atitude generosa, com características de irmã para Rute, faz com que elas se unam e cuidem uma da outra, cada uma partilhando e ensinando o que tem, o que sabe e o que consegue fazer acontecer. A narrativa não deixa de mostrar, apesar dos traços da cultura e da legislação da época serem pouco familiares aos nossos dias, como é possível identificar pessoas e fatos que indicam uma presença de Deus cuidando e conduzindo suas vidas.

Segundo Rossi, há nas “narrativas do livro de Rute uma geografia pedagógica que sempre conduz o leitor para o centro da história. Em todos os capítulos o retorno é para a terra, a casa, a família” (2022, 125), traços das preocupações que todo migrante/refugiado carrega consigo, nas trajetórias em terra estrangeira e que exigem, em modo imprescindível, que o cuidado abarque todos os três diferentes âmbitos, porque são instâncias que a mobilidade humana expõe e fragiliza: a terra – que

representa a segurança, porque ficou pra trás; a casa – espaço por excelência de quem conta com o cuidado em sua vida, que precisa ser (re)encontrada; e a família - coração, força e fraqueza de quem parte migrante ou refugiado/a. O autor, no texto citado, explica como o livro de Rute, para o contexto em que foi escrito, é um paradigma do cuidado que, iniciando nas relações familiares, pode abraçar e incluir a solidariedade que salva a comunidade e até a nação.

Na saga de Noemi e Rute o cuidado é a estratégia por excelência para superar as dificuldades e as ameaças que as duas mulheres enfrentam, uma imigrante e a outra retornada depois de muitos anos, que se concretiza em forma de apoio, orientação, compreensão e proximidade, que dá ousadia e anima a coragem dessas duas mulheres para enfrentar os próprios desafios e as resistências que a cultura e as tradições socioculturais impõem às duas.

Enquanto a religião criticava os estrangeiros por uma visão que dava prioridade ao fato de que através dos “outros” povos e suas religiões a fé de Israel era ameaçada, Deus escolhe uma mulher estrangeira para praticar a solidariedade com uma velha viúva e para com seu povo, conduzindo aquela história que fez dela uma das estrangeiras da genealogia de Jesus. Protegendo-a Deus protegeu seu povo; cuidando dela, Deus reacendeu a fidelidade em seu povo; enfim, com a participação dos esforços dela e de sua sogra idosa e viúva, Deus reacendeu a fé em Israel.

1.3 Priscila

Nos Atos dos Apóstolos um casal de migrantes ou talvez refugiados chama a atenção pelo protagonismo singular exercido na comunidade cristã primitiva: Priscila e Áquila. Lussi (2017, p. 7) afirma que eles são figuras que representam a comunhão e a corresponsabilidade por causa da fé em Jesus Cristo e ao mesmo tempo exortam a comunidade para o compromisso com o desenvolvimento transformador e integral de todos os filhos e filhas de Deus. É visível o cuidado que Priscila e Áquila têm com a comunidade onde se encontram, inclusive dispendo de sua casa como espaço de encontro para a comunidade local (KONINGS e LOURENÇO, 2022, 262) e a acolhida

para Paulo em suas peregrinações, como também para exercer a profissão comum, para ganhar seu sustento (At 18, 3). Junto a Paulo, o casal Priscila e Áquila cuidam e assistem as comunidades cristãs em suas necessidades, buscando sempre seu desenvolvimento humano e integral. Paulo tem Priscila e Áquila como seus amigos e colaboradores, como encontramos citado em Rm 16, 3-4: “Saudações a Prisca e Áquila, meus colaboradores em Jesus Cristo, que arriscaram a própria cabeça para salvar a minha vida”. A amizade de Paulo com eles se fundamenta em Jesus Cristo, por isso formam uma grande comunhão e assumem a missão com muito zelo e amor, como menciona Lussi (2017, 18). Mais do que cooperar entre eles, cooperam com a obra de Deus, que quer para seus filhos e filhas um desenvolvimento transformador e integral, onde o cuidado de uns pelos outros faz acontecer a vida, transformada e salva pelo amor doado e recebido. Este casal é a imagem da tenda que acolhe e abriga a todos e do cuidado que o amor faz acontecer por quem o próprio Deus coloca no caminho dos crentes, sempre preocupados com o bem estar e o crescimento de toda a comunidade, bem como ser este espaço de partilha da vida e da caminhada cristã.

O cuidado de Priscila e Áquila também se expressa com Apolo, um judeu alexandrino apaixonado pelas escrituras e pela catequese que necessitava maior preparação no que se referia à doutrina cristã, como afirma At 18, 26: “ele começou a falar com coragem na sinagoga. Priscila e o seu marido Áquila o ouviram falar; então o levaram para a casa deles e lhe explicaram melhor o caminho de Deus”. Assim como em Corinto, este casal abre sua casa para a comunidade cristã que se reunia para escutar a Palavra de Deus e celebrar a eucaristia, gestos de cuidado pela comunidade, que por sua vez os abraça. Acolhida dada e acolhida recebida.

O caso de Priscila e Áquila demonstrará que migração e missão estavam desde a comunidade primitiva estritamente relacionadas, e seguem como desafios e oportunidades para a missionariedade e para o cuidado, especialmente aquele que nasce e exprime a fé. Este casal de judeus, crentes em Cristo, se movia constantemente por causa do evangelho. Primeiro se estabeleceram em Roma, logo foram obrigados a emigrar para Corinto devido ao Edito de Cláudio em 49 d.C, de lá se mudaram para Éfeso com o propósito de evangelizar, e finalmente regressaram a Roma depois da

morte de Cláudio em 54 d.C. Havendo experimentado o trauma e a aflição do deslocamento, o desenraizamento e a migração contínua, sabiam da importância de serem acolhidos e de oferecer hospitalidade aos estrangeiros (NGUYEN, 2013, 194). Priscila e Áquila entendem bem da realidade migratória, pois a viveram na própria pele e sentiram o peso da sua instabilidade. Por isso, pode-se afirmar que todo o cuidado que brindaram às comunidades eclesiais por onde passaram é fruto, em primeiro lugar, da profunda experiência de Deus que viviam e também da experiência missionária e migratória, pois por onde passavam, estavam em contato constante com migrantes e refugiados como eles mesmos.

2. Traços sobre cuidado a partir da EMCC e da *Fratelli Tutti*

Muitos documentos da Igreja mencionam e orientam a atenção, acolhida e acompanhamento que devemos dar aos migrantes e refugiados como parte da própria missão da Igreja no mundo, pois o fenômeno migratório nos acompanha desde o início da humanidade e sempre nos acompanhará. Dentre estes documentos cabe destacar a Instrução *Erga Migrantes Caritas Christi* escrita pelo Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes (2004) que aponta diferentes aspectos do cuidado e atenção dirigidos aos migrantes e refugiados.

Um dos aspectos salientados se refere à inculturação e o pluralismo cultural e religioso. Segundo o n. 36 de *Erga Migrantes* “a inculturação começa com a escuta, isto é, com o conhecimento daqueles aos quais se anuncia o Evangelho... Aqui não basta a tolerância, é necessário simpatia e respeito, naquilo que é possível, da identidade cultural dos interlocutores. Reconhecer os aspectos positivos e apreciá-los, porque preparam para acolher o Evangelho, é um preâmbulo necessário para o êxito do anúncio. Só neste modo nasce o diálogo, a compreensão e a confiança. A atenção ao Evangelho se faz também atenção às pessoas, à sua dignidade e liberdade. Promovê-las na sua integridade exige empenho de fraternidade, solidariedade, serviço e justiça”. Estas palavras ressoam também na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* n. 40. A escuta, realmente, é um elemento fundamental do cuidado que dispensamos aos migrantes e refugiados, desde que se acercam pela primeira vez e durante todas as vezes

que necessitem ser escutados, acompanhados e orientados. A escuta e a acolhida são expressões de amor que distinguem todo cristão, pois estão entre as mais nobres atitudes de cuidado que se pode brindar a uma pessoa, especialmente se ela atravessa situações de vulnerabilidade.

Outro aspecto importante mencionado por esta exortação é o n. 39 quando se refere ao cuidado que os cristãos necessitam ter com os migrantes, ou seja, “devem ser promotores de uma autêntica *cultura da acolhida* (cfr. *EEu* 101 e 103), sabendo apreciar os valores verdadeiramente humanos dos outros, acima de todas as dificuldades que comporta a convivência com quem é diferente de nós (cfr. *EEu* 8, 85 e 112)”. Não há dúvidas de que a frase acima citada é de uma grande verdade, mas é também um desafio diário cultivar a cultura da acolhida e do encontro, aceitando as diferenças como parte fundamental de um caminho de comunhão e universalidade. Um meio possível de construir este caminho é internalizar o convite que São Paulo faz aos Romanos: “Acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo vos acolheu, para a glória de Deus” (Rm 15,7) (n. 40). A Igreja tem um papel fundamental na construção desse caminho, pois deveria fazer conhecer aos seus fiéis os complexos problemas das migrações hodiernas com o objetivo de buscar eliminar medos, inseguranças e preconceitos contra os migrantes e refugiados, proporcionando a vivência de uma fé autêntica num contexto migratório multicultural e plurireligioso (n. 41).

Este documento também menciona, do n. 70 a 88, o papel dos agentes de pastoral fazendo referência à importância da colaboração entre as Igrejas de origem e destino, sobretudo no cuidado e assistência espiritual a ser assegurado aos migrantes acompanhados (n. 70), bem como na abordagem da temática migratória nas universidades católicas e na formação dos seminaristas (n. 71) e a escolha de um dia específico, em toda a Igreja, para celebrar a Jornada Mundial do Migrante e Refugiado (n. 72). Cabe destacar ainda a menção que a exortação faz em relação à missão da Vida Religiosa como “dom particular do Espírito, que a Igreja acolhe, conserva, interpreta, para fazê-lo crescer e desenvolver segundo o seu próprio dinamismo” (n. 80), dom este que muitos Institutos Religiosos dedicam especificamente ao serviço junto aos

migrantes e refugiados e que outros não o tem como finalidade principal, mas são “cordialmente convidados a assumir parte desta responsabilidade” (n. 81).

Outro documento que nos enriquece com seu conteúdo sobre o cuidado com o migrante e refugiado/a é a Encíclica *Fratelli Tutti*. A frase que ressoou fortemente, sobretudo durante a pandemia, e que certamente continua fazendo eco em nossas ações pastorais é que “ninguém se salva sozinho” (n. 54), pois, hoje, mais do que nunca, precisamos fazer crescer a consciência de que “ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém” (n. 137). Sem dúvidas, essa fala do Papa nos remete e nos convida ao cultivo do cuidado que necessitamos ter uns com os outros. Kuzma (2021, 215) em um artigo publicado sobre a migração a partir da Encíclica *Fratelli Tutti* reforça o valor do cuidado quando diz: “todos somos responsáveis por todos”, bem como quando comenta a reflexão que o Papa Francisco faz em relação ao bom samaritano atribuindo-lhe como característica principal “dar de seu tempo” ao “estranho” que encontrou caído pelo caminho, “dedicou a vida ao outro, se tornou próximo, mesmo que este seja tão desconhecido, tão estranho como ele”.

O n. 79 da *Fratelli Tutti* é um convite explícito ao cuidado de todo ser humano: “todos temos uma responsabilidade pelo ferido que é o nosso povo e todos os povos da terra. Cuidemos da fragilidade de cada homem, cada mulher, cada criança e cada idoso, com a mesma atitude solidária e solícita, a mesma atitude de proximidade do bom samaritano”. São muitos os caídos e necessitados ao longo do caminho, por isso nossa responsabilidade em estar atentos e cuidar destes irmãos e irmãs aumenta diariamente, sobretudo porque vivemos em uma sociedade excludente, exclusivista e que nega, muitas vezes, os direitos mais básicos aos quais qualquer ser humano tem direito. Kuzma (2021, 216) faz menção a uma sociedade oposta à que vivemos atualmente, que é uma sociedade aberta a acolher e integrar a todos de forma igualitária. Certamente um grande desafio, que se faz possível através do serviço que a pastoral da mobilidade humana exerce de acolhida, proteção, promoção e integração. A pastoral migratória desenvolve, diariamente, inúmeras ações que contemplam o cuidado, em todos os sentidos, aos irmãos e irmãs mais vulneráveis, buscando resgatar sua dignidade e garantir seus direitos. Francisco afirma que “quando se acolhe com todo o coração a

pessoa diferente, permite-se-lhe continuar a ser ela própria” (n. 134). Isso é de fundamental importância, pois um coração aberto e acolhedor sempre aprende e cresce com cada migrante que chega e, da mesma maneira, aquele que se sente acolhido será capaz de abrir-se ao novo e, se necessário, mudar e caminhar até encontrar sua realização. Para Francisco “só poderá ter futuro uma cultura sociopolítica que inclua o acolhimento gratuito” (n. 141).

Outro aspecto muito importante que a encíclica traz é o convite ao exercício de uma política verdadeiramente preocupada com o bem comum (n. 154) onde se possa desenvolver um caminho de fraternidade, de cuidado com a fragilidade dos povos através da garantia de seus direitos fundamentais, a construção do coletivo e o exercício da caridade (KUZMA, 2021, 219). Como pastoral temos um papel muito importante no exercício da política, pois, em primeiro lugar somos seres políticos por natureza, continuamente em busca do bem comum e, segundo, porque somos convidados a fazer incidência política, a estar em espaços e instâncias de escolhas e decisões de políticas públicas que possam garantir à população migrante seus direitos fundamentais, assim como sua participação ativa nesses espaços. Segundo o Papa Francisco, “na política, há lugar também para amar com ternura... no amor, que se torna próximo e concreto. É um movimento que brota do coração e chega aos olhos, aos ouvidos e às mãos” (n. 194). Não há dúvidas de que a ternura e o amor que expressamos aos outros são parte de um caminho de cuidado e empatia que desenvolvemos quanto mais nos aproximamos.

3. Cuidado como forma de viver a missão junto a migrantes e refugiados/as

Apesar do cuidado ser hoje uma categoria familiar aos mais diversos contextos do serviço ao ser humano, desde a enfermagem até a atenção sociocultural dos atendimentos públicos e privados, a atenção pastoral que acontece como ação pela qual a comunidade dos que seguem Jesus como pastor e guia se sustentam, apoiam e servem, edificando a própria igreja e acompanhando os membros em seus itinerários de amadurecimento na fé e na caridade, tem no cuidado uma forma privilegiada de atuação. No caso específico do atendimento e da formação pastoral, o cuidado se nutre das configurações da ternura de Deus que a Bíblia chama de amor misericordioso de

Deus e que as diferentes tradições e experiências eclesiais configuram com termos e vivências plurais.

Buscamos explorar nas páginas a seguir o sentido e as configurações que a experiência missionária de atenção e acompanhamento sócio pastoral junto a pessoas que viveram ou vivem em situação de mobilidade humana desenvolvem na forma do cuidado. Identificamos alguns traços característicos a partir da análise sobre a atuação concreta, à luz da reflexão bíblica e dos ensinamentos da igreja. Os três traços identificados que consideramos aportes singulares dessa vivência são:

- a) a reciprocidade nas relações entre quem cuida e quem é cuidado/a;
- b) a atenção integral que abraça todas as dimensões da vida;
- c) traços de uma espiritualidade encarnada no modo de viver a fé e a religião

3.1 A reciprocidade nas relações entre quem cuida e quem é cuidado/a

A cultura do descartável, a xenofobia, o cultivo constante do medo e do rechaço ao diferente, vindos muitas vezes dos meios de comunicação, o desprezo às diferentes crenças e religiões dificultam muito, atualmente, a acolhida, aceitação e valorização das populações em mobilidade, assim como o favorecimento de uma cultura do encontro. Por isso nos encontramos diante de um grande desafio, como Igreja e sociedade. É necessário que, sobretudo como Igreja, “se tenha a capacidade de envolver-se no fenômeno migratório e a humildade de aprender e também de receber, entrando em relações interpessoais com migrantes e refugiados” (LUSSI, 2021, 179). Não há dúvida de que as realidades migratórias, com suas inúmeras facetas e desafios, ajudam a Igreja a desenvolver sua verdadeira missão junto aos mais pobres e vulneráveis, proporcionam uma abertura de mentalidade, o encontro com as misérias humanas e convidam a Igreja a ser a tenda aberta e hospitaleira para com todos que dela necessitarem.

Segundo Lussi, "a reciprocidade é uma atitude que configura opções, espaços de encontro, corresponsabilidade e oportunidades reais, que neutralizam ou freiam as desigualdades que a diferença pode favorecer onde falta acolhida e uma cultura do

encontro" (2021, 183). O encontro com qualquer pessoa ou grupo em mobilidade é sempre enriquecedor, pois nunca saímos dele de mãos vazias e nosso coração se enche de alegria. Muitas experiências têm demonstrado que não somos apenas nós que acolhemos e cuidamos dos migrantes e refugiados, mas que esse cuidado é recíproco, ou seja, desses encontros nasce a corresponsabilidade e a gratidão que se expressam através de gestos de amor, carinho, doação e confiança. Na atuação pastoral em contextos de mobilidade humana, não poucas vezes começamos, inclusive, a fazer parte da família dos próprios migrantes, onde o nível de confiança e partilha de vida são tão profundos que nos consideram como parte da própria família.

A escuta de pessoas em mobilidade revela estratégias de atuação promissoras no que se refere à reciprocidade. Primeira estratégia é a “capacidade de fazer-se próximo” (LUSSI, 2021, 184), o que requer despojamento de preconceitos, abertura de mente e coração, capacidade de criar espaços para o diálogo e a partilha de suas histórias e suas vidas, que vem de encontro com a segunda estratégia que é “a criação e a disponibilização de espaços para o encontro” (p. 186). Esses espaços são lugares onde se desenvolve a mútua confiança e crescimento. O “reconhecimento da dignidade, que respeita o outro em sua alteridade, em seus significados e até em suas crenças, mesmo que sejam diferentes das minhas” (p. 187) é a terceira estratégia que nos faz capazes de reconhecer no migrante e refugiado um ser digno de respeito em todos os sentidos, independente de suas escolhas, cultura, raça, etnia, religião, etc. É um convite a valorizar e proporcionar a interculturalidade. E por fim, a quarta estratégia se refere a esta capacidade de “adotar diferentes formas de dinamicidade se se quer ser um serviço a pessoas em situação de mobilidade”(p. 188). As realidades e contextos migratórios estão em constante mudanças, por isso, como nos dizia o Bem-Aventurado João Batista Scalabrini, “para tempos novos, técnicas novas; para chagas novas, remédios novos; para novas artes de guerra, novos sistemas de defesa!” (RIZZARDO, 2007, 43).

O artigo intitulado “Encontro transformante, desafios e oportunidades da relação entre a igreja local e as migrações internacionais” (LUSSI, 2018) nos relata a riqueza adquirida pelas comunidades locais quando se abrem ao encontro com migrantes e refugiados e vice-versa. No entanto, toda a riqueza também vem acompanhada de

interpelações e desafios. Por isso, o mesmo artigo também descreve reações negativas como rejeição, desprezo, desconforto, xenofobia, medo e preconceito manifestados diante da presença de migrantes e refugiados. Por outro lado, também surgem interpelações que colocam as comunidades locais em um processo de questionamento e crescimento e, às vezes, até mesmo de purificação. Dentre os desafios pastorais citados, que não divergem em nada de nossas realidades, estão as interpelações vindas dos próprios migrantes e as lições aprendidas das comunidades cristãs que convivem com homens e mulheres que vivem situações de mobilidade.

O mesmo texto nos apresenta desafios pastorais que emergem da relação diária com os migrantes e refugiados mas que, por sua vez, também são a expressão do cuidado e da reciprocidade entre essa população e os/as agentes de pastoral:

- a) entender a acolhida como reciprocidade, pela qual, ninguém apenas dá ou apenas recebe, ou seja, a reciprocidade nas relações e no serviço com migrantes e refugiados favorece a vivência da comunhão;
- b) passar do mero assistencialismo ao encontro e à escuta em comunidade da Palavra de Deus, onde as pessoas se encontram por causa da fé e da vida cristã, sem que a diferente nacionalidade ou país de origem sejam relevantes;
- c) valorizar a vulnerabilidade e o protagonismo das pessoas em mobilidade como imperativo intercultural, onde se possa reconhecer as potencialidades trazidas pelos próprios migrantes e refugiados e favorecer sua participação mais ativa nas atividades eclesiais e socioculturais locais;
- d) entender a migração a partir de uma abordagem holística, integral e transversal, não apenas como um problema e sim como uma oportunidade;
- e) ser capaz de reconhecer no migrante e refugiado o próprio Deus que chega até nós, o que favorece a vivência do evangelho.

Como Igreja e como crentes é necessário maior autocrítica, onde possamos superar as dificuldades de encontro entre os migrantes e a Igreja. Uma Igreja fechada sobre si mesma não pode fazer o caminho para a interculturalidade e, por fim, entender os migrantes e refugiados como pessoas e não como problemas, que é o primeiro passo em direção a um caminho de mudanças.

3.2 A atenção integral que abraça todas as dimensões da vida

Leonardo Boff (1999, 12-13) um amante da vida e do cuidado, em todos os sentidos, nos inspira quando fala que “cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro...sem cuidado o ser humano deixa de ser humano”. Ocupar-se, envolver-se, responsabilizar-se com o migrante e o refugiado é uma prática diária da pastoral da mobilidade, nos centros de acolhida e atenção ao migrante, porque realmente queremos que o evangelho se faça vida e carne onde estamos. Citando o filósofo Martin Heidegger, Boff comenta que “o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada e imbuída de cuidado”. Ou seja, o cuidado é uma atitude inevitável, que praticamos em todos os momentos de nossa existência, conosco e com os outros, mas que em determinadas situações ou necessidades se direciona de maneira muito mais específica e pontual.

A atenção que se brinda aos migrantes e refugiados, quando procuram nossas instituições e serviços no contexto eclesial de atenção a sujeitos e situações da mobilidade humana, não é apenas emergencial, mesmo que inicialmente, em muitos casos, assim o seja. A atenção vai muito além de um mero assistencialismo ou suprir uma necessidade urgente, faz parte de nossa prática institucional, de nosso DNA esse olhar e cuidado integral para com cada ser humano que necessite de nossa ajuda e acompanhamento. Geralmente, se segue uma linha de ações que se desencadeiam, seguindo passos e oportunidades nem sempre previamente estabelecidas, começando com a acolhida e escuta de sua história e suas necessidades chegando muitas vezes à

formação de grupos que trabalham e participam ativamente na luta por seus próprios direitos e maior protagonismo na Igreja e na sociedade. A atenção integral compreende o cuidado multidisciplinar: físico, espiritual, sócio econômico, jurídico e cultural.

Atenção é algo precioso que podemos ofertar a alguém. A atenção exige tempo, condição de espera, e demanda um olhar sem preconceitos estabelecidos. É preciso resgatar um tempo subjetivo. Este é um cuidado fundamental (CARVALHO, 2010, 9). Essa atenção de que Carvalho fala realmente é preciosa, não somente para os migrantes e refugiados que a recebem, mas também para os agentes de pastoral que atendem, pois nesse encontro nasce confiança e responsabilidade que levam a um processo de humanização e re(conquista) da dignidade, muitas vezes perdida ao longo de suas trajetórias e outras vezes nem sequer conhecida ou experimentada. O encontro com esses rostos, como afirma Boff, “torna impossível a indiferença, pois me obriga a tomar posição porque fala, pro-voca, e-voca e com-voca. Especialmente o rosto do empobrecido, marginalizado e excluído” (1999, 75).

Todo encontro com o outro enriquece e transforma ambos. É um mútuo intercâmbio de vida e de saberes. Ao contrário do que nos apresenta e quase impõe a sociedade atual, um caminho da desumanização, que contempla um “processo de perda dos valores de cuidado da vida e, ao invés de evoluir-se para uma sensibilidade a favor da vida, acontece um embotamento, uma verdadeira cauterização da consciência e a conseqüente banalização do mal” (WAHLBRINCK, 2013, 71). A pastoral da mobilidade humana busca ser justamente essa tenda aberta, acolhedora e humana que abraça a todos e todas sem distinção, que se preocupa com o bem estar integral de cada migrante e refugiado, que luta pelo protagonismo dos mesmos aonde quer que estejam.

São muitas as problemáticas vividas e traduzidas pelas pessoas que migram, por isso necessitam de atenção que vai desde a acolhida, escuta, orientação, acompanhamento psicológico, às vezes médico e social, ou seja, inicia com uma atenção básica e se desenvolve e consolida até constituir um caminho de empoderamento e protagonismo nas realidades e espaços onde se encontram. O protagonismo é parte de um longo caminho percorrido pelos migrantes que pode ser

alcançado depois de uma certa estabilidade, mas é também um estilo transversal de relação onde o serviço e a atenção doados se misturam com valorização da pessoa e escuta de suas trajetórias, o que valoriza e desperta seu potencial e multiplica seus saberes e capacidades de doação e também de serviço. Constatamos ainda, que inúmeros migrantes e refugiados têm essa atitude de gratidão e reciprocidade com a pastoral por tudo aquilo que receberam e o demonstram unindo-se e contribuindo com a missão da Igreja junto aos que se encontram em mobilidade. Muitos se organizam coletivamente e são essa tenda acolhedora a outros migrantes que chegam.

3.3 Traços de uma espiritualidade encarnada no modo de viver a fé e a religião

A vivência cotidiana em terra estrangeira transforma a relação da pessoa com sua religiosidade, suas práticas e até sua religião. A fé muda sua configuração e relevância e transforma a visão e as modalidades de como se exprime ou deixa de se manifestar. Quando a pastoral a serviço da vida atua junto a migrantes/refugiados com os traços do cuidado também é capaz de absorver vivências, valores e visões do outro, saber interagir e aprender da alteridade e se deixa penetrar no diálogo aberto e intercultural. Assim, a lógica da própria encarnação, pela qual Deus assume a nossa humanidade é a referência e o parâmetro para uma missionariedade que se faz vivência participada e contagiante, que se deixa envolver e ao mesmo tempo penetra na singularidade da vida e do sofrimento, dos sonhos e alegrias de cada pessoa.

A espiritualidade encarnada que caracteriza a pastoral da mobilidade humana se configura como capacidade de desencadear e/ou fortalecer processos únicos para reconstruir a vida por causa da jornada migratória, reinventando trajetórias, sentido e futuro, como forma de confiança na caminhada, fé em Deus e esperança, que marcam o sentido da vida e dos projetos existenciais. A espiritualidade da encarnação, como já foi interpretada a vivência cristã de Scalabrini e de seus filhos e filhas (FRANCESCONI, 1991) , traz essa característica de interpretar a fé como vida cotidiana, marcada pelo amor e pela esperança que determinam todas as realidades da vida, os desafios,

inclusive os medos de hoje e os sonhos e projetos de futuro, o que nutre as trajetórias migrantes e de quem busca refúgio em terra estrangeira em modo paradoxal.

Quando o Bem-Aventurado João Batista Scalabrini, então bispo de Piacenza - Itália, viu centenas de italianos migrarem, buscando meios de viver dignamente, se sentiu profundamente comovido e pensava na maneira de poder acompanhá-los a fim de ajudá-los a manter viva sua fé e esperança, pois sabia que era a fé que os manteria vivos e persistentes diante de todos os desafios que encontrariam. Para Scalabrini a fé se expressava na confiança em Deus (FONGARO, 1997, 129), atitude que percebemos com muita frequência nos migrantes/refugiados, pois a fé e a esperança são a única herança que ainda carregam quando os longos percursos migratórios já os deixou desprovidos de qualquer direito, inclusive de sua própria dignidade. A preocupação e o cuidado de Scalabrini com os migrantes o moveu a tomar decisões estratégicas e assumir atitudes até enérgicas em favor do seu povo que se fazia emigrante. Hoje, nos cabe uma grande responsabilidade junto a cada migrante e refugiado, que é a de sermos essa presença de Cristo Ressuscitado nas difíceis e desumanas trajetórias da mobilidade humana. Por isso a preocupação em pensar, planejar e desenvolver uma pastoral capaz de inspirar-se e inspirar uma cultura do encontro e apta a promover encontros onde se possa seguir alimentando a fé, partilhar a vida e a Palavra de Deus, cultivar espaços inter religiosos onde cada qual se sinta livre em expressar suas escolhas religiosas.

Outro ponto importante da espiritualidade encarnada é justamente a capacidade de reconhecer Jesus em cada pessoa que se acerca a nós, numa vivência que se configura santa e evangelicamente capaz de santidade exatamente nas relações concretas do dia a dia, como a imagem do filho de Deus peregrino pelas estradas da Palestina, motivo inspirador da caminhada das pessoas em mobilidade que migram com fé ontem e hoje.

Nas palavras de uma mulher migrante que vive sua fé encarnada, a espiritualidade do povo a caminho é sua vivência cristã. Nas ações e palavras de Mercedes se encontra amor e muita doação, ela que é imigrante peruana na Argentina, agente pastoral junto a migrantes em situação de vulnerabilidade no país que, como ela,

escolheram para viver: “meu carinho por esse serviço que faço nasce de minha própria experiência como mulher imigrante. É algo que nasce de meu coração, esse desejo de ajudar, acompanhar os migrantes para que não se sintam sozinhos, que saibam que estamos em este serviço para guiá-los, não apenas para conseguir seus documentos e serem reconhecidos, mas também poder acompanhá-los espiritualmente, dando-lhe esperanças na busca de novas oportunidades”¹.

Considerações finais

Um cuidado “equilibrado, que envolve acolhimento, sustentação, reconhecimento e sintonia” (CARVALHO, 2010, 4) é algo que se configura e se consolida em processos humanos e sociais, pastorais e espirituais que ganham forma no tempo, na vivência e não sem persistência. A ética do cuidado pode ser abraçada por uma decisão, mas só se consolida como atitude e como estilo de palavras e ações a médio e longo prazo. Por isso, faz sentido buscar interpretar vivências que sejam linhas mestras para indicar como fortalecer espaços ou estratégias, que se configuram e renovam constantemente.

Assim, certamente, pode-se falar em formação para a ética do cuidado, desenvolvimento de itinerários e programas que visem adotar o cuidado como modalidade motriz das relações e critério para adoção e avaliação das estratégias de atuação. Trata-se da necessidade de “uma educação para o cuidado”, na qual a atenção à alteridade e às diferenças e ao protagonismo dos sujeitos envolvidos tenha primazia. “A exclusão da alteridade é a exclusão do cuidado. Não é possível cuidar sem se expor ao outro: uma educação do cuidado é uma educação da alteridade. Para tal, há necessidade de um compromisso com o outro que não é regido por nenhuma jurisprudência, mas pela urgência de dar um sentido humano ao nosso viver” (CARVALHO, 2020, 11).

¹ Pseudônimo, para proteger a identidade da colaboradora.

Referências Bibliográficas

- BAGGIO, M. Hospitalidade: caminho da pastoral dos migrantes e refugiados. In: C. LUSSI; C. KUZMA (Orgs.). *Hospitalidade, comunidade cristã e mobilidade humana*. Brasília: CSEM, Bogotá: CLAR, 2021, pp. 133-154.
- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CARVALHO, V. L. C. M. de. O cuidado como a base ética na constituição do ser humano. In: *Curso Virtual "Educação para a Tolerância: Contribuições Psicanalíticas"*. Out/dez 2010.
- DIAS, E. C. Inversão dos Papéis. Análise Narrativa de Gn 16,1-16. In: *Anais do 27º Congresso Internacional da SOTER: Espiritualidades e dinâmicas sociais: memória – prospectivas*. Belo Horizonte: SOTER, 2014, pp. 277-291
- FONGARO, S. *La voz del Pastor: el pensamiento del Beato Juan Bautista Scalabrini*. Merlo (Buenos Aires): Ediciones Scalabrinianas, 1997.
- FRANCESCONI, M. *João Batista Scalabrini: Espiritualidade da encarnação*. Tradução Irmã Maria Leticia Negrizzolo. São Paulo: Loyola, 1991.
- LUSSI, C.; MARINUCCI, R. (Orgs.). *Migrações, refúgio e comunidade cristã. Reflexões pastorais para a formação de agentes*. Brasília: CSEM & São Paulo: Paulus, 2018.
- LUSSI, C. *Una mirada teológica al desarrollo humano integral*. Ponencia presentada al Encuentro Latinoamericano y Caribeño por el 50º Aniversario de la Encíclica *Populorum Progressio* – organizado por DEJUSOL (CELAM)/SELACC. San Salvador, 12-16 de agosto de 2017. 2018. Disponível em: <https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2018/08/UNA_MIRADA_TEOL%C3%93GICA_AL_DESARROLLO_HUMANO_INTEGRAL_Final.pdf>. Acesso em: 30.11.2021.
- LUSSI, C. Encontro transformante, desafios e oportunidades da relação entre a igreja local e as migrações internacionais. *Revista Espaços* 26/2. São Paulo: ITESP, 2018, pp. 185-207.
- LUSSI, C. O desafio da reciprocidade em contexto eclesial: reflexões pastorais na escuta de homens e mulheres que migram com fé. In: C. LUSSI; C. KUZMA (Orgs.). *Hospitalidade, comunidade cristã e mobilidade humana*. Brasília: CSEM, Bogotá: CLAR, 2021, pp. 201-226.
- NGUYEN, V. Migrants as Missionaries: The Case of Priscilla and Aquila. In: *Mission Studies*, 30, Brill Academic Publishers: 2013, pp. 194-207.
- KONINGS, J.; LOURENÇO, R. J. Os primeiros cristãos migrantes. In: , E. C. DIAS; , L. A. FERNANDES (Orgs.). *Bíblia e migração: experiência humana e salvífica*. Brasília: CSEM, Bogotá: CLAR, 2022, pp. 253-271.
- KUZMA, C. Acolher e proteger a fragilidade, promover e integrar na fraternidade: olhando a migração desde a Encíclica *Fratelli Tutti*. In: C. LUSSI; C. KUZMA (Orgs.). *Hospitalidade, comunidade cristã e mobilidade humana*. Brasília: CSEM, Bogotá: CLAR, 2021, pp. 201-226.
- Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes. *Erga Migrantes Caritas Christi*. Roma: 2004.

ROSSI, L. A. R. Os caminhos da sobrevivência num mundo sem muros. *In*: E. C. DIAS; L. A. FERNANDES (Orgs.). *Bíblia e migração: experiência humana e salvífica*. Brasília: CSEM, Bogotá: CLAR, 2022, pp.119-136.

WAHLBRINCK, I. F. Dignificar a vida pela ética do cuidado: compromisso do ser humano. *Revista Triângulo* 6/1, 2013, pp. 68-79.

RIZZARDO, R. *João Batista Scalabrini - Apóstolo dos Migrantes*. Porto Alegre: Solidus, 2007.

SILVA, M. L. da. Serviço itinerante: profunda transformação com o processo de reorganização. *Revista In Cammino*, 101, Jul/Dez 2018, pp. 13-20.